

Encontros com Lacan.

Primeiro Encontro - O seminário em Saint Anne.

Para ir a Saint Anne, a gente saía do Quartier Latin, o que já era uma novidade. Havia quarenta pessoas na sala do Hospital Saint Anne. Nos anos 70 na faculdade de Direito havia 400. As primeiras filas quando o seminário se passava em Saint Anne eram ocupadas pelos mais velhos que faziam parte do grupo do Dr. Lacan, também médicos do Hospital. O Boletim do GEPUP (DA do Curso de Psicologia) publicava os seminários. O Boletim era o órgão do Grupo de Estudos da Universidade de Paris; a cada gestão correspondia uma equipe que geria e fazia funcionar o GEPUP. Mas, o Boletim era algo que se mantinha, graças ao seu diretor que era Dimitri Voutsinas, um grego que tinha feito tese sobre Malebranche. Havia muita proximidade com outros cursos, especialmente, Filosofia. Entre meus professores era prestígio haver feito Medicina e depois Filosofia. Medicina não para exercer-la, mas como formação científica.

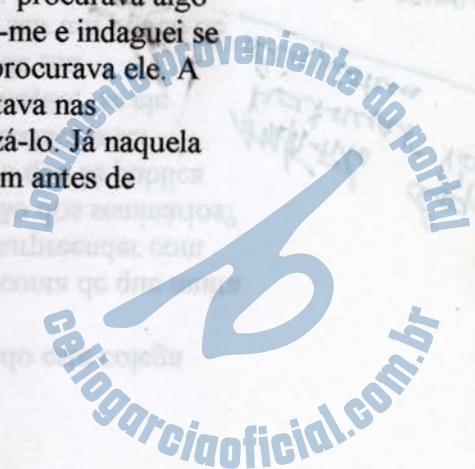
Nossos professores eram Daniel Lagache (um dos poucos que chegavam de carro na Sorbonne, estacionava o carro no pátio), Jean Piaget (que vinha de bicicleta), Cousinet (o mais velho, ia de polainas para dar aulas), Favez Boutonnier, Laget (Fisiologia, ele tinha estado no Brasil), Pichot (médico no Hospital Saint Anne, Serviço do prof. Delay que acolhia também o Dr. Lacan). Seguíamos seminários fora do curso, por exemplo, Minkowski. Eu era um dos únicos estrangeiros. Vivíamos em bando, mesmo nas férias; as meninas moravam em *studios* tanto como nós. Comíamos no restaurante universitário "Mabillon".

Líamos jornais como *Observateur*, *Humanité*, militávamos no *Mouvement de la paix* ("estar o mais próximo do Partido Comunista", como havia proposto Sartre). Éramos cristãos de formação e marxistas como posição intelectual e política. De vez em quando um sobressalto. Um dia os colegas foram convocados para ir para a Argélia. Um deles foi e voltou "pirado".

Apanhávamos a cópia das anotações do seminário com Pontalis, para publicação no Boletim do Grupo de psicologia. Não havia revisão do Dr. Lacan. Ao que parece ele se interessava muito pouco pelas publicações que ele chamava "poubelicações" de poubelle que quer dizer lata do lixo.

Conta-se que quando se tratou de reunir os textos que deveriam compor o volume "Ecrits", não foi possível encontrar nos arquivos um deles, precisamente este sobre "o estágio do espelho", desde o início programado. Não houve jeito, estava perdido; ou não foi encontrado. Um outro só foi encontrado no último minuto. Imagino a quantidade de coisas que rolava por ali. Papéis, anotações, projetos, livros, margens de livros enriquecidas pelo que ficou registrado em volta enquadrando-as devidamente ou desmontando-as para serem remontadas com outra pontuação.

Digo isso para recordar que certa vez estava na rue Claude Bernard a espera de um seminário, quando o Dr. Lacan visivelmente sem encontrar, procurava algo no meio de papéis, revistas, empilhadas num canto. Aproximei-me e indaguei se podia ajudá-lo, (já corriam céleres os anos 70) ou talvez, que procurava ele. A que ele respondeu: "le bottin". Como o catálogo de telefone estava nas imediações, apenas encoberto por revistas, não foi difícil localizá-lo. Já naquela época me perguntei como seria o "escritório do Dr. Lacan". Bem antes de



Orellana, como sói acontecer pela ordem natural das coisas, sendo este colega bem mais jovem que eu.

Ainda era estudante, e aí faz bastante tempo, já havia me dado conta de que muita gente se fazia a mesma pergunta: como podia o Dr. Lacan nos surpreender com tanta erudição, ou melhor, leituras tão diversificadas, por ocasião dos seminários?

A propósito, teríamos que redobrar esforços para acompanhar o que se publica em revistas atualmente em áreas afins à nossa, ou que fazem interface a ser descoberta. "Melhor seria que o analista renunciasse de sua formação, se ele mesmo não consegue manter em seu horizonte a subjetividade de sua época" (Lacan em "Função e campo da palavra..."). Vale a pena sair um pouco de nossas fronteiras regionais, ou regionalizadas.

Tenho especial apreço pela data (1955) em que foi realizada a conferência sobre Cibernética, incluída no volume II do Seminário. As gramáticas gerativas de Chomsky foram formuladas um pouco antes e só em 1957 dadas a público. Também sei, por haver constatado, que Lacan nem sempre encontrava eco entre o público daquela época.

Alem dos seminários no Boletim do GEGPUP tínhamos, quando havia dinheiro para comprar, a revista *La Psychanalyse* órgão da primeira instituição lacaniana a "Sociedade Francesa de Psicanálise" da qual fiz parte sendo entrevistado por Mme. Favez-Boutonnier e Daniel Lagache encarregados da seleção na época. Nos números da revista podemos encontrar o programa da Sociedade e artigos dos membros.

A formação era marcada pela idéia de que se trata de uma aventura, ou como disse Jacques Alain recentemente (Outubro 2001), "a formação não tem solução...era isso que queria dizer Lacan quando ele afirmava não haver formação". A questão tem sido objeto de constante interesse, assim vou me demorar em um parágrafo logo abaixo.

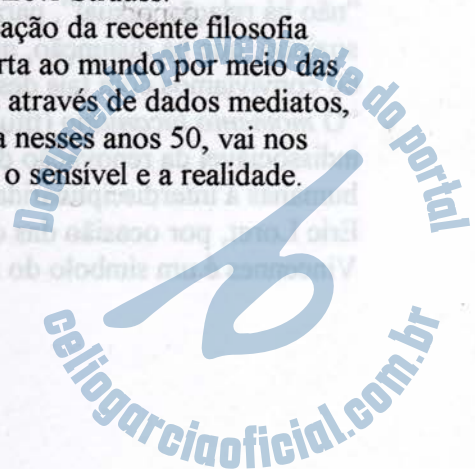
De qualquer maneira, a formação que buscávamos era encontrada nos seminários, nos cursos sugeridos pelo Dr. Lacan (Matemática com Guilbaud, Anti-filosofia que consistia na leitura tal como a praticava o Dr. Lacan), Lógica, Linguística de Saussure. A análise era a que fazíamos, cada um com seu analista, sem que houvesse preferência pela análise dita didática.

Guerra Fria e Estruturalismo.

O século XX preferiu ser o século do fim e do começo radical, do que ficou para trás e do novo. Do real purificado de todo semblant. Entre a decadência e a purificação não há dialética. No entanto, essa disjunção não dialética característica do século, viria a se constituir num problema, com o qual nos debatemos nos últimos anos.

Não é por acaso que os dois termos no título estão reunidos. *A volta a Freud* era uma exigência de maior fidedignidade do texto original, buscava-se a verdade do real na estrutura. C/N era o matema graças ao qual a Natureza era absorvida inteiramente na Cultura ou pelo Simbólico considerado hegemônico. O saber dava conta do real o que permitia o matema Saber / Real. Sem resto na apresentação de Levi-Strauss.

O estruturalismo dos anos 50 relegava o retorno às coisas (vocação da recente filosofia francesa na época, como em Bérqson), já que o sujeito se reporta ao mundo por meio das estruturas. Para o estruturalismo o sujeito só conhece as coisas através de dados mediatos, mediatizados pela estrutura. Lévi-Strauss, a principal referência nesses anos 50, vai nos assegurar que o sensível faz sistema, e que o simbólico domina o sensível e a realidade.



Também para a Psicanálise dos anos 50, o sujeito conhece seu Inconsciente mediado pelas estruturas.

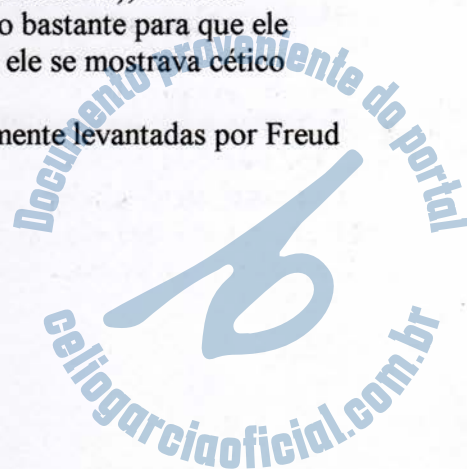
O mais interessante na época, quero dizer os anos 50, foi acompanhar Lacan em sua trajetória ao se livrar dos compromissos inicialmente fenomenológicos, depois estruturalistas. Já nos anos 60 acompanha-lo em seu segundo ensino quando ele soube atribuir um lugar à contingência em detrimento da estrutura (“carcan” estruturalista). A estrutura está comprometida com o discurso do mestre. Essa a aventura para quem acompanhou Lacan nos anos 50 e 60. Ele se livrava dos compromissos para poder ir adiante. É o contrário tanto do dogma quanto da doxa. Devemos a ele haver buscado alguma formação em matemática. Guilbaud foi professor tanto dos mais jovens como dos mais velhos que encontrávamos na sala para aprender a chamada Matemática Moderna (Teoria dos Conjuntos).

Maio de 68.

Como não há situação que perdure indefinidamente, Maio de 68 veio desbancar o estruturalismo e a frieza da guerra fria. Era a revolução do desejo, dos jovens. Freud não ensinava, ele escrevia. Lacan en-signa-va, transformava em signos palavras gastas pela positividade da época. O termo *ensino de Lacan* não cabe, para seguir JAM em intervenção recente. A revolução Maio de 68 foi uma revolução da palavra; Lacan encontrava-se na linha de frente. A tomada da palavra (*prise de la parole*) marcava fortemente o Movimento de Maio de 68. Temos a oportunidade de ler documentos da época publicados no volume XVII dos seminários de Jacques Lacan intitulado “O avesso da Psicanálise”. Uma série de quatro conferências foi programada na recém inaugurada Universidade de Vincennes com o título “Impromptu à Vincennes”. A primeira teve lugar no dia 3 de Dezembro de 1969; há um complemento a essa primeira conferência com data de 10 de Dezembro. As duas últimas não foram realizadas. Uma segunda foi realizada no dia 14 de março de 1970. Imagino Lacan na cidade de Paris, convocando os personagens auxiliares (há mesmo uma lição Lacan que chegou até nós graças ao registro de François Regnault), indo do Quartier Latin ao hospital Saint Anne, da Ecole Normal à Faculdade de Direito, na Sociedade Psicanalítica de Paris onde ele iniciou sua carreira (SPP), na Escola Freudiana de Paris por ele fundada, tomando a frente na cena que seria logo freqüentada pelos que tinham percebido bem ou mal que alguma coisa ali se decidia, para onde haveriam de convergir os olhares atônitos dos menos informados, para terminar em gran finale de cena quase muda nos últimos anos de sua vida.

Para quem conheceu Vincennes na época as páginas publicadas são evocatórias de um ambiente de contestação, de grande élan revolucionário e criativo quando todas as esperanças se faziam promessas para o dia de amanhã. Ao mesmo tempo em que os jovens estudantes de Vincennes deixavam nos muros da cidade inscrições por si só altamente evocativas das questões trazidas pelo Dr. Lacan (o desejo era uma delas), em seus seminários ele já não conseguia prosseguir suas preleções. Foi o bastante para que ele admoestasse “Vocês querem um chefe, pois vão ter”. Radical, ele se mostrava cético quanto aos ideais revolucionários.

Ele havia acrescentado uma quarta admoestação as três inicialmente levantadas por Freud em 1917 ao denunciar o narcisismo do homem -



além da Revolução Copernicana quando ficamos sabendo que o Sol não gira em torno da Terra, além da Revolução Darwiniana com a teoria da Evolução, além do destronamento da consciência pela Psicanálise, Lacan acrescentara uma quarta admoestação para dizer “não há relação sexual”, para dizer da incurabilidade do ser humano, para dizer que ele é sozinho, que há disjunção, que o real é sem sentido, que o real é sem lei. Nos idos dos anos 60 convivíamos com tais desafios. Não foi pouca coisa.

“O momento lacaniano (título de um livro de Bernard Sichère) na Universidade francesa é indissociável da renovação dos anos 68 e seguintes, sem esquecer a abertura das ciências humanas à interdisciplinaridade”. (Jornal LIBERATION 13 de Abril de 2001, artigo de Eric Loret, por ocasião das comemorações do centenário na imprensa parisiense).

Vincennes é um símbolo do movimento de Maio de 68; lá encontramos Lacan que participa da criação do Departamento de Psicanálise, assim como Foucault e Deleuze no Departamento de Filosofia.

Julia Kristeva reconhece a dívida quando em 1974 escreve “a revolução da linguagem poética (tema da autora) não teria existido sem a contribuição de Lacan. O ‘hermetismo’ de Mallarmé e Lautréamont permanecia letra morta para os literários da Sorbonne. Nesses textos eles só viam preciosidade. A incursão feita por Lacan através desses textos permitiu uma abertura de largos horizontes”.

Segundo encontro

17.10.2001 PARIS. *Effet de formation*. La première séance du Séminaire a eu lieu ce mercredi 17 octobre. *C'est le chiasme entre formation universelle et formation particulière qu'a mis en relief cette première soirée. Formation technique particulière du psychanalyste que Pierre Thèves articule à la passe: la passe impulse un mode de vie et chaque cure est référée à la passe.

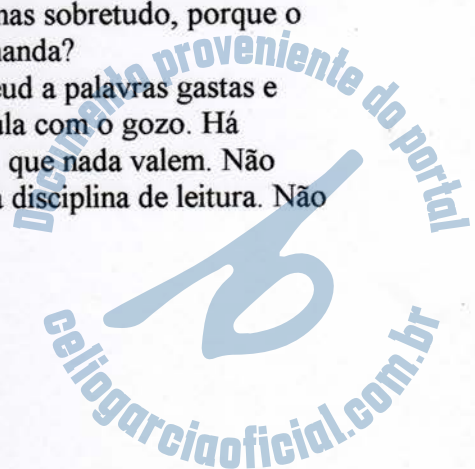
Jacques-Alain Miller introduisait son exposé en soulignant que la question de la formation n'a pas de solution. Ce qui répond à Lacan lorsqu'il dit qu'il n'y a pas de formation de l'analyste. Reste un premier paradoxe: la formation technique se fait par déformation, excroissance, hypertrophie, qui du point de vue de l'universel est fermeture, appauvrissement, spécialisation.

Na atualidade, ensino é transmissão metódica de saberes estandardizados. Pelo que nos é dito no caderno da Comissão Matemática N. 0.0 há crise no ensino e na pesquisa psicanalítica. A Comissão Matemática dos Institutos Brasileiros em *CADERNOS numero 0.0* com data de 3/Out/ 2001, assim resume o estado atual -

Em "Reflexões sobre a forma atual do impossível de ensinar", Eric Laurent qualifica as dificuldades encontradas nas Seções Clínicas como uma das formas do impossível de ensinar, um fracasso que pode, inclusive, tomar a forma de um aparente sucesso. Este fracasso envolve de um lado a **modalidade de demanda que os alunos passaram a dirigir aos analistas a perigosa demanda de um saber técnico...** Eis a questão de JAM levantada em Outubro em Paris.

Porque mais e mais demandam ao analista este saber técnico, mas sobretudo, porque o analista consente em produzir mais e mais respostas a esta demanda?

Lacan desde o início aponta o erro em que consiste reduzir Freud a palavras gastas e dedicou-se a estabelecer a relação passional que o saber entabula com o gozo. Há produções, inclusive de transmissão, que nada custam, ou seja, que nada valem. Não custam nem uma noite de vigília, nem a parcimônia que exige a disciplina de leitura. Não



valem nem a atenção dos colegas mais queridos, menos ainda a dos ouvidos desconfiados. Pode-se ensinar sem que o que se ensina tenha sido vivido, reconhecemos ali a daninha burocracia que engole discurso.

Em outros termos, que espécie de enunciados podemos produzir a partir do diagnóstico de "a crise [... da investigação em psicanálise...] está disfarçada de prosperidade"

Terceiro encontro.

Apprendre à parler la langue de l'autre, de nos collègues de l'IPA, nous conduit à préciser certains points cruciaux comme l'analyse du contre-transfert (JAM). L'effet de formation amène l'analyste lacanien lors des séances à "ne pas penser", accaparé qu'il est par la machine à chercher les signifiants, hors signification (Marie-Hélène Brousse). Cette première séance a eu le souci exemplaire d'aller de la passe à la philosophie de notre temps pour conclure sur le dialogue avec la Cité*. (Resumo do seminário de 17/Out./2001.)

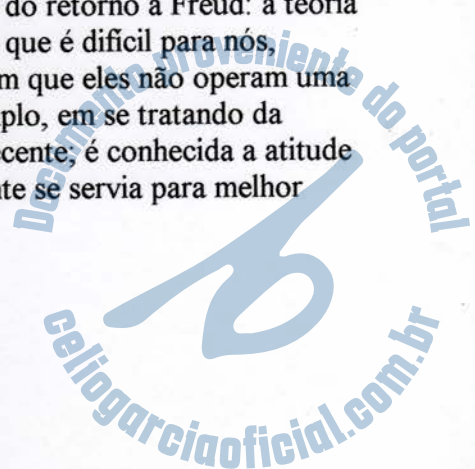
Na atualidade a Psicanálise para ser objeto de ensino teria que pensar a questão da co-responsabilidade (la langue des autres, dizia Jacques Alain). Ou seja, como passar de uma teoria para outra, de uma disciplina para outra, de um discurso para outro. Freud se servia de textos que ele encontrava nas obras de ficção para melhor explicar seus achados; Freud *traduzia* as obras que ele examinava. E Lacan? Teríamos que examinar. Frequentemente fazemos de conta que a questão não existe e para não sermos importunados preferimos departamentos formados de colegas que tenham a mesma orientação. A teoria da Psicanálise é apresentada como uma teoria k-completa, por exemplo, na abordagem da questão da Lei / lei. [Não posso entrar em detalhes aqui nessa nota.]

Também não é o caso de fazer um ano de Freud, um ano Melanie Klein, um ano de Winnicott, um ano de Lacan como era o programa nos bons colégios e institutos de formação quanto tentavam encarar a questão que hoje trago, colocando-a com outra roupagem.

Quanto à volta a Freud, hoje nos parece como o resultado de uma mentalidade histórica, diz Jacques Alain Miller, quando Lacan dizia haver um capítulo censurado na história. De fato, Lacan trazia a Psicanálise para o presente graças ao artifício volta a Freud. Vamos manter a Psicanálise no presente, o presente da disjunção, o presente quando o saber é mera suposição sem que haja compromisso com a verdade resultante do saber no real.

Hoje houve "apaisement" com relação à verdade; houve mesmo o que JAM chamou desencantamento com relação à Psicanálise. Teríamos que entender o termo de JAM. No presente do real sem lei, sem sentido, nem o Simbólico, nem a Cultura dão conta do Real. O Inconsciente não é um saber, mas *savoir faire* do qual nós não dispomos.

Documentação já existe. Além do Caderno da Comissão Metamas 0.0 já citado, quero assinalar Colóquio de comemoração ao centenário de Jaques Lacan realizado na USP nesse segundo semestre de 2001 reunindo conferências, entre as quais Vladimir Safatle "O trabalho da forma: sobre a relação entre estilo, sintoma e subjetividade em Lacan", "Dialética e Psicanálise" de Ruy Fausto, e "A letra e o sentido do retorno a Freud: a teoria como metáfora" Richard Theisen Simanke. Tenho a impressão que é difícil para nós, analistas universitários, conviver com esses textos na medida em que eles não operam uma "tradução" analítica tão ao feitio do que fazia Freud (por exemplo, em se tratando da Poética de Aristóteles para dar um exemplo tirado de leitura recente; é conhecida a atitude de Freud com relação aos livros de ficção de que ele literalmente se servia para melhor



explicar a Psicanálise) e depois dele... todos nós. Volto a questão da co-pensabilidade, da co-representação, para perguntar – seria o caso de apelar para a ruptura, disjunção, recusa pura e simples, ao ignorar esses textos?

No Departamento de Filosofia estive sozinho por algum tempo; tive que ler e trabalhar os textos de filósofos alheios à Psicanálise. Desde então tive que me colocar a questão da co-pensabilidade. Trata-se de uma questão delicada que merece abordagem apropriada. Ela tem surgido na Epistemologia cada vez que um autor como Foucault, Althusser, Badiou e outros se debruçaram sobre ela. Foucault criou o que chamou episteme, separando uma da outra sem atender critérios da História já que seu propósito era apontar para a disjunção, mas descontinuidade não quer dizer singularidade. A singularidade implicaria na intelectualidade do pensamento como pensamento, e não referido às coisas. Não tenho condições aqui para desenvolver as teses de Sylvain Lazarus sobre as intelectualidades, mas encontrei nesse autor os elementos necessários para a abordagem que menciono. No momento escrevo um texto para explicitar o procedimento aludido. Mas, é uma tentativa concreta onde se aborda a questão da co-pensabilidade. Posso avançar que a clínica como traço da Psicanálise poderia garantir a intelectualidade singular da Psicanálise; esta desde sempre foi doutrina aceita sem maiores considerações; necessário se faz um exame atualizado da questão. Aludir à clínica significaria aceitar a polissemia separando a Psicanálise dos discursos da positividade para quem a suspensão da polissemia garante um campo definicional. Ou para tomar outro exemplo famoso, houve desde sempre em contraponto teses como a do professor Quine, sempre empunhando a navalha de Ocam, ao afirmar intradutibilidade entre os sistemas; com isso estava resolvida a questão.